

## PARA ALÉM DE RAYSSA LEAL: ENTRE A CONSTRUÇÃO DE UM ÍDOLO ESPORTIVO E AS ESTRATÉGIAS DE VISIBILIDADE MIDIÁTICA DO SKATE FEMININO NA TRANSMISSÃO DO SUPER CROWN SLS 2022

### BEYOND RAYSSA LEAL: BETWEEN THE BUILDING OF A SPORTS IDOL AND THE MEDIA VISIBILITY STRATEGIES OF WOMEN'S SKATEBOARDING IN THE TRANSMISSION OF THE SUPER CROWN SLS 2022

Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto<sup>1</sup>

#### Resumo

Nativo marginalizado, juvenil, contracultural e predominantemente masculino cis, o skate se configurou como um território hostil à presença feminina. Tecendo brechas e resistências e incorporando às identidades os estigmas postos sobre elas, as skatistas, na contemporaneidade, alcançaram reconhecimento e visibilidade midiática. Referência na modalidade e sinônimo de uma juventude bem-sucedida, Rayssa Leal é um desses ídolos femininos nos "carrinhos". É sob o viés da semiótica discursiva que olhamos para as isotopias presentes nos discursos emitidos na transmissão do *Super Crown SLS 2022*, principal campeonato da modalidade, feito pela *TV Globo*. Construída como alguém que sabe, pode, quer e deve fazer, as isotopias discursivas presentes apontam para a construção da skatista maranhense como ídolo feminino praticante de um esporte nascido marginalizado e, ademais, da atleta como sinônimo de um skate feminino próspero.

#### Palavras-chave

*skate street*; visibilidade midiática; transmissão ao vivo; skate feminino; Rayssa Leal.

#### Abstract

Native marginalized, youthful, counter-cultural and predominantly cis male, skateboarding has become a hostile territory for women. By weaving gaps and resistances, and incorporating the stigmas placed on them into their identities, contemporary female skateboarders have achieved recognition and media visibility. A reference in the sport and synonymous with successful youth, Rayssa Leal is one of these female idols in the "carts". It is through the lens of discursive semiotics that we look at the isotopias present in the discourses broadcast by *TV Globo* during the *Super Crown SLS 2022*, the sport's main championship. Constructed as someone who knows, can, wants to and should do, the discursive isotopias present point to the construction of the skater from Maranhão as a female idol practicing a sport that was born marginalized and, furthermore, of the athlete as a synonym for prosperous competitive female skateboarding.

#### Keywords

street skateboarding; media visibility; live streaming; women's skateboarding; Rayssa Leal

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) Câmpus de Bauru, SP. Email: moniquefogliatto@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2402-4309>, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1978015198230381>

## Introdução

Califórnia. Anos 1960. Motivados por uma seca histórica na região litorânea estadunidense, os jovens surfistas encurtaram suas pranchas, usadas para “dropar” sobre as ondas, adaptaram rodas a elas e saíram pelas cidades em busca de equipamentos urbanos que lhes possibilitassem realizar manobras nativas do surfe (Brandão, 2014). Bancos, corrimãos, escadarias foram palco para o deslizar das rodinhas de skate.

Aos poucos, os espaços urbanos partilhados ganharam novos ocupantes, em sua maioria homens cis e jovens, que viam nos “carrinhos” uma alternativa de resistir a uma sociedade patriarcal e conservadora mesmo diante das revoluções sociais, políticas e econômicas que marcaram a década. Marginais, vagabundos, baderneiros: estes foram alguns dos estigmas postos sobre essa tribo urbana juvenil e que, inevitavelmente, marcaram a trajetória histórica dessa prática, principalmente no caso brasileiro, que vivia os anos de chumbo da ditadura militar (Machado, 2011).

A repressão teve efeito contrário e, a cada dia, novos adeptos e espectadores aderiam à prática, criando uma identidade própria distinta daquela que lhe deu origem (Brandão, 2014). Não demorou até que a atividade virasse alvo de interesse mercadológico, força motriz para que o skate se convertesse em prática esportiva. As competições, financiadas primeiramente por empresas do ramo, culminaram em um cenário competitivo consolidado, acarretando na profissionalização dos skatistas, que puderam viver do esporte.

Composta predominantemente por uma juventude ávida por mudanças na mentalidade conservadora instituída, a prática do skate era, também, composta predominantemente por homens, que delimitava espaços ligeiramente aceitáveis para a presença feminina no esporte, até então incipiente. As poucas que se aventuravam sobre os carrinhos, sobretudo a partir da década de 1980, tiveram seu histórico marcado por brechas e resistências, (re)significando estigmas e marginalizações postas sobre elas. Aos poucos, elas foram ganhando espaço e representatividade, resultando no atual cenário de prosperidade vivenciado pelo skate feminino competitivo.

No caso brasileiro, destaca-se a presença de Rayssa Leal, atleta maranhense conhecida como “Fadinha do skate” ou “Fadinha skatista”<sup>2</sup> devido à popularização de um vídeo compartilhado em redes sociais em que realiza uma manobra nomeada como *heelflip* em uma escadaria de Imperatriz (MA) após os desfiles de Independência do Brasil no ano de 2015, então aos sete anos<sup>3</sup>. Ao chamar a atenção de Tony Hawk pela sua pouca idade e altas habilidades técnicas sobre o skate, Rayssa ganhou os holofotes midiáticos e passou a disputar campeonatos com maior relevância, sagrando-se atleta profissional.

2 A matéria mais expressiva sobre a apresentação de Rayssa Leal como a “Fadinha do skate” se deu no Esporte Espetacular, programa dominical jornalístico-esportivo da TV Globo, em dezembro de 2016. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4530473/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

3 Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/09/fadinha-skatista-do-ma-encontra-com-campeoes-dos-x-games.html>. Acesso em: 23 mar. 2004.

Entre vice-campeonatos mundiais, títulos brasileiros, vitórias no X Games (considerada a Olimpíada dos esportes radicais) e até mesmo a prata olímpica inédita na estreia do skate nos Jogos de Tóquio (2020), Rayssa Leal se firmou frente aos holofotes midiáticos como alguém midiaticamente interessante de ser acompanhada. O excelente retrospecto competitivo da atleta e seu simbolismo pós-olímpico fez com que, inevitavelmente, Rayssa servisse como metonímia para um skate feminino próspero, consolidado e rentável, sendo construída como ídolo feminino e juvenil de uma modalidade nativa masculina e contracultural.

Dona de um excelente retrospecto competitivo no ano de 2022, ganhando todas as três etapas da principal competição da modalidade, o *Skate Street Skateboarding* (SLS), Rayssa era vista como favorita para a disputa do Super Crown SLS daquele ano. Neste artigo, observamos a transmissão *in loco* feita pela *TV Globo* por meio do programa jornalístico-esportivo *Esporte Espetacular*, a fim de compreender o papel desempenhado por Rayssa como agente catalisador para a consolidação da imagem de uma modalidade recém-popularizada e, sobretudo, entender o processo de construção da atleta como ídolo esportivo e referência de um skate feminino que valia a pena ser acompanhado.

## Skate feminino competitivo: entre estigmatizações e reconhecimentos

Funa Nakayama, Chloe Covell, Pâmela Rosa e Rayssa Leal<sup>4</sup>. É impossível falar de skate street feminino na contemporaneidade e não acionar a figura de algumas delas. Mas esta nem sempre foi a realidade das mulheres no cenário esportivo do skate. O protagonismo feminino no skate competitivo é, sem dúvida, fruto de resistências tecidas por um conjunto de mulheres que abriram caminho para que uma “nova geração” pudesse alcançar visibilidade midiática (Figueira; Goelner, 2009).

Pouco se sabe sobre os caminhos históricos dos primeiros passos do skate feminino, cujo passado é marcado por silenciamentos e esquecimentos discursivos. Resistindo e contestando espaço e representatividade em uma prática contracultural e essencialmente machista, nomes como Patty McGee – primeira skatista profissional ainda na década de 1960 –; Peggy Oki – única componente dos Z Boys (1970), um dos grupos mais icônicos da história do skate vertical – e a brasileira Leny Cobra – exaltada pela revolução no skate feminino trazendo *ollies*, *flips* e *fakies*, manobras até então “masculinas”, nos pés de uma garota.

Na contramão dos feitos inéditos, chocavam-se os valores morais, sociais, econômicos e políticos vigentes à época, sobretudo no Brasil, que vivia os anos de chumbo da ditadura militar. Em um contexto marcado por efervescentes revoluções, que fez emergir questões relacionadas às atribuições de funções sociais de gênero, coexistiam

4 Estas são algumas atletas de destaque por seus retrospectos competitivos no universo competitivo do *skate street*: Funa Nakayama, japonesa, bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2020); Chloe Covell, promessa australiana de 12 anos que conquistou etapas do SLS 2023 e X Games, considerado as olimpíadas dos esportes radicais; Pâmela Rosa e Rayssa Leal, brasileiras referências na modalidade *street* que estiveram na estreia olímpica do esporte em Tóquio (2020) e, ao todo, detêm de quatro títulos na principal competição da modalidade, a Skate Street Skateboarding (SLS).

resquícios do conservadorismo e patriarcalismo. Para elas, o ambiente doméstico e seus afazeres; para eles, a rua (DaMatta, 1997), validando os múltiplos papéis exercidos pelos homens na vida em sociedade.

Como qualquer produto social, essas configurações eram recorrentes no universo do skate. Para eles, valores como perigo, aceitação do risco e violência eram exaltados, incentivando o desfrute do *ilinx* (Caillois, 1980) e a execução de manobras plásticas. Já a elas, os olhares atravessados, mesmo quando ainda ocupavam o posto de meras espectadoras. Para aquelas que insistiam em praticá-lo, prevaleciam três isotopias temáticas: 1) aquela “à procura de um homem”, cujos corpos eram hiper sexualizados e explorados pelas mídias de nicho em prol do “consumo masculino”; 2) a “acompanhante”, vista como um troféu a ser exposto; e 3) a que “tentava ser um homem” (Anderson, 1999), baseado em seus comportamentos e indumentárias.

Esses “lugares comuns” atribuídos às skatistas eram fruto, essencialmente, de uma oposição dada no nível fundamental semiótico discursivo (Barros, 1999): homem x mulher. Desta, desdobravam ao menos outras duas: “feminilidade x masculinidade”; e “delicadeza x brutalidade”, bastante significativa quando se trata de skate feminino competitivo. Isso demonstra que a visibilidade, já consolidada na contemporaneidade, é uma realidade recente, possibilitada, principalmente, pela ressignificação dos valores e estereótipos fixados a elas, colocados em constante discussão.

Os primeiros registros históricos de mulheres skatistas em competições da modalidade deixam claras as brechas tecidas por elas: nomes como Leni Cobra, Mirinha e Mônica Polistchuck, referências da gênese do skate feminino brasileiro, dividiam espaço nas competições com os homens, ainda em meados da década de 1980, revelando um apagamento discursivo de um histórico hostil e sexista para elas. Competir com eles significava estar sob uma “régua masculina” valorativa, traduzido como uma forma sutil de inferiorização. Esquecia-se, propositadamente que eles, considerados mais habilidosos e experientes, já estavam sobre as pranchas do asfalto duas décadas antes. Aos olhos dos juízes, elas apenas executavam as “manobras de base”, primárias no skate masculino e, por isso, pouco pontuadas, mas que demonstrava um importante avanço em se tratando de skate de mulheres (Figueira; Goelner, 2011).

Desconstruindo os valores de feminilidade associados a delicadeza, fragilidade e beleza femininas, aquelas que se lançavam aos “perigos” das manobras plásticas do skate carregavam consigo marcas – fruto das inevitáveis quedas sofridas –, uma afronta aos valores estéticos de uma “mulher feminina”. Para além da isotopia temática feminina de “ser como um homem” ou dos valores de hiper sexualização e fragilidade, as cicatrizes eram vestígios de um nível técnico feminino na execução de manobras, em uma tentativa de provar que elas também podiam fazer aquilo que eles faziam (Bäckström; Nairn, 2018).

Tecendo resistências, elas começaram a adentrar nesse cenário hostil na década seguinte, consagrando a vitória de Leni Cobra no primeiro campeonato feminino, em 1987 na cidade de Guaratinguetá (SP). A partir dela, vieram X Games, Campeonatos Mundiais da World Skate e, por fim, em 2015, a *Street League Skateboarding* (SLS), que

sagrou a vitória da brasileira Letícia Bufoni. O cenário competitivo próspero deu visibilidade e reconhecimento às atletas, principalmente no caso brasileiro, que se converte em potências das rodinhas com as figuras de Pâmela Rosa, bicampeã mundial, e Rayssa Leal, esta última transformada em nossa temática de pesquisa.

## **A expectativa da campeã: os valores de uma transmissão agendada para a vitória inédita de Rayssa Leal**

Falar de transmissão esportiva na televisão aberta é, inevitavelmente, falar de futebol masculino. Visando à massiva audiência e ao retorno financeiro envolvido, o esporte tem espaço cativo na programação semanal da maior emissora do País. Mas, afinal, o que leva à TV Globo a incluir outras modalidades em sua grade? Quais as razões para que essa visibilidade fosse dada ao skate, nativo contracultural e marginalizado a ponto de merecer uma transmissão ao vivo em um domingo pela manhã? Por que essa transmissão foi de uma final feminina, já que o esporte nasce hostil a elas?

Antes de tecer considerações a respeito do *corpus* desta pesquisa, é preciso dizer que a transmissão daquele domingo é, antes de mais nada, uma escolha pautada no princípio da visibilidade midiática. E isso, primeiramente, deve-se ao sucesso de audiência durante as transmissões de sua estreia olímpica, em Tóquio, nas madrugadas da grade da *TV Globo*. A prata olímpica inédita de uma menina de 13 anos alçou visibilidade à atleta e à modalidade, em um processo de consolidação de identidades por meio da construção de ídolos esportivos. Nesse sentido, utilizando-se de figuras esportivas de destaque, o papel dos meios de comunicação, principalmente daqueles que detêm a força imagética como prova de ocorrência, é o de tornar-se “marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido” (Matta, 1999, p. 85).

Muitos são os fatores que levaram à crescente visibilidade midiática do skate no caso brasileiro. Um universo competitivo próspero e consolidado é a consagração do Brasil como “potência das rodinhas” nas duas categorias escolhidas para se tornarem olímpicas – *street* e *park*. Isso fez com que as pranchas do asfalto ganhassem os holofotes midiáticos. A estreia, que aconteceria na edição de Tóquio (2020) no Japão, adiada para o ano seguinte em razão da pandemia de Covid-19, foi anunciada ainda em 2016, durante a cerimônia de encerramento da edição sediada pelo Rio de Janeiro.

À época, já eleita como dona dos direitos de transmissão da edição olímpica de Tóquio, a *Rede Globo* decidiu transmitir as primeiras competições da modalidade. Foi assim que, em janeiro de 2017, o telespectador acompanhou o primeiro campeonato de skate em TV aberta. A familiarização com as dinâmicas internas da modalidade e o forjar de um potencial público espectador marcaram a cobertura do Rio Bowl Jam, no Rio de Janeiro, feita no quadro *Verão Espetacular*, componente do dominical matutino *Esporte Espetacular*. Já a primeira transmissão de uma competição feminina viria no ano seguinte, com a transmissão do *Skate Park Internacional*, em Itajaí (SC). Visando à apresentação de atletas com potencial chance de medalha, a transmissão ainda familiarizaria o público com as dinâmicas de uma das categorias olímpicas do skate em

Tóquio (2020), o *skate street*.

É fato que o maior espaço para cobertura de eventos esportivos de skate deve-se ao sucesso midiático da transmissão olímpica da modalidade. A radicalidade, a predominância juvenil e a instauração de uma nova perspectiva de competição, em que valia mais a superação de si do que o ato de vencer o adversário, fizeram com que o skate ganhasse os holofotes midiáticos e a atenção dos espectadores. O horário de transmissão, em plena madrugada brasileira, não foi um impeditivo, alcançando 12 pontos<sup>5</sup> de audiência. E o retorno não veio apenas em índices. Além do crescimento das buscas por “skate” em 44%, as conquistas fizeram crescer o consumo de materiais relacionados à prática: skates, equipamentos de proteção e até mesmo aulas para iniciantes<sup>6</sup>.

Aliás, grande parte dessa popularidade dada ao skate também se deve a uma figura, Rayssa Leal. Tratava-se de uma medalha inédita, na estreia da modalidade em Olimpíadas, conquistada por uma menina de 13 anos. Considerada a mais jovem medalhista da história do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Rayssa ainda compôs o pódio mais jovem dos Jogos Olímpicos desde sua primeira edição moderna, em 1896. Tornando-se a única medalhista brasileira no skate feminino, a skatista maranhense ganhou os holofotes midiáticos e o coração dos brasileiros.

Mas por que Rayssa merecia “ser vista”? Isso perpassa, antes de mais nada, por uma questão mercadológica, uma escolha editorial que, sustentada pelo retrospecto competitivo da atleta naquele ano, objetivava alçar visibilidade à modalidade, já que a emissora detém os direitos de transmissão olímpica de Paris (2024). Nesse sentido, torna-se perceptível a questão de que “A televisão não apenas seleciona eventos esportivos e imagens sobre eles, mas fornece definições do que foi selecionado; ela interpreta os eventos para nós, fornece uma estrutura de significados na qual o evento faz sentido” (Matta, 1999, p. 85).

Desde a dobradinha histórica brasileira em uma final de SLS, em 2019, com a primeira vitória de Pâmela Rosa e o vice-campeonato de Rayssa Leal, a carreira da skatista maranhense vinha em uma trajetória crescente de conquistas. A prata olímpica em Tóquio (2021), o segundo vice-campeonato da SLS (2021), o ouro dos *X Games Chiba (JPN)* (2022) e, até então, a nota mais alta em uma competição oficial de *skate street* feminino (8,5) são importantes marcos de visibilidade da carreira da atleta.

Todavia, foi após vencer as três primeiras etapas da SLS 2022, disputadas em Jacksonville, Seattle e Las Vegas (EUA) que Rayssa teve os holofotes midiáticos nacionais voltados para ela. Sob a expectativa de um título inédito profissional de Rayssa, com base no excelente retrospecto competitivo daquela temporada, e, igualmente, da possibilidade de tricampeonato de Pâmela Rosa, que a *TV Globo* optou pela transmissão da etapa como parte do *Esporte Espetacular*, ocorrida em solo brasileiro em 6 de novembro.

5 Disponível em: <https://exame.com/casual/surfe-e-skate-impulsionam-audiencia-da-olimpiada-principalmente-no-brasil/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

6 Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/08/efeito-rayssa-atrai-meninas-para-aulas-de-skate-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 31 jul. 2023.

Nesse momento, põe-se a questão a respeito dos valores-notícias envolvidos na decisão pela transmissão realizada. Segundo Wolf (2003, p. 202), tal conceito aciona os “critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente”.

No objeto aqui analisado, trata-se do fator ineditismo. Sagrada como referência e potencial ídolo esportivo feminino e jovem em uma modalidade nativa masculina e marginalizada, Rayssa foi, inevitavelmente, força motriz para a transmissão realizada, que se soma a outros fatores, tais como a possibilidade de registro de uma vitória histórica *in loco* que foi peça fundamental para que a emissora “quebrasse”, pela primeira vez, o calendário de transmissões competitivas de skate.

É de modo “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (Barros, 1999, p. 11) que olhamos para a transmissão realizada em 6 de novembro de 2022 como parte do programa jornalístico-esportivo dominical Esporte Espetacular. Longe de um recorte centrado na performance competitiva de Rayssa Leal, que naquela data conquistaria o título que faltava em sua prateleira de vitórias, cabe-nos desvelar o *modus operandi* da emissora em: 1) construir um ídolo esportivo feminino de uma modalidade nativa marginalizada e 2) consolidar o cenário competitivo do skate feminino como midiaticamente relevante, pautado, sobretudo, pela expectativa do título inédito da atleta maranhense. Mas, afinal, quais são as tematizações presentes nas enunciações apresentadas no decorrer da transmissão do evento sob as lentes da *TV Globo*? Perpassando um total de 28 planos narrativos, sendo 20 enunciados de estado e 8 enunciados de fazer ao longo de pouco mais de uma hora e meia de transmissão, foi possível constatar a presença de um sujeito do fazer “Rayssa Leal” que, em conjunção com o objeto-valor “título inédito do Super Crown SLS” se modaliza a poder, saber, querer e dever fazer (Barros, 1999).

Longe de apresentar ou discorrer sobre cada um dos enunciados que compõem o corpus, é a partir das isotopias discursivas que verificou-se três construções de “Rayssas” distintas: 1) a competidora; 2) a favorita; e 3) a humanizada. Articulando as modalizações da atleta em poder, querer, saber e dever fazer, essas representações construídas sobre a atleta ajudam tanto a construí-la como ídolo feminino de um esporte marginalizado, quanto atuam como metonímia para um skate feminino competitivo próspero e sólido.

Centrada no retrospecto competitivo da atleta, a potencial transformação de Rayssa como ídolo esportivo jovem e feminino atravessa a proposta de um agendamento midiático bem-sucedido, colocando em xeque a:

grande arma da mídia, tanto para vender os espetáculos, como chamar a atenção das audiências para que assistam determinadas competições. A mídia precisa dos ídolos para tornar o espetáculo mais atraente, assim, atletas que realizam performances acima da média passam a ocupar grandes espaços (Sobrinho apud Mezzaroba; Pires, 2010, p. 6).

## A competidora

A primeira das isotopias temáticas postas sobre a skatista maranhense é a que talvez melhor sintetize a modalização da atleta em poder, querer, dever e saber fazer em busca do objeto valor “título inédito da SLS” naquela tarde de domingo. Enquanto a modalização do “poder-fazer” é justificada pela ocorrência da competição e de sua classificação antecipada; o “querer-fazer” é evidente e parece reforçar o argumento da vitória potencial da atleta naquela data, já que, nas palavras de Letícia Bufoni: “a Rayssa veio pra brigar pelo título”.

Apesar de constar como campeã da edição de 2021 no quadro de últimas competidoras vitoriosas construído pela organização internacional do evento, Rayssa havia conquistado dois vices, em 2019 e 2021. A informação errônea não é desmentida de pronto, ficando evidente nos discursos de Letícia Bufoni, sua referência na modalidade, em “Bateu na trave tantas vezes e não conseguiu” ou em “Depois de dois vices, depois de tudo que você passou hoje”, palavras da repórter Júlia Guimarães, ambas após a vitória da atleta.

Figura 1 - In



ompetição

Fonte: GloboPlay

Já a modalização do dever-fazer é, talvez, a mais “escondida” das modalizações, dependendo da apreensão de alguns pressupostos por parte dos telespectadores. É evidente que, enquanto atleta de alto rendimento e com tamanha visibilidade, Rayssa deva-fazer para validar o investimento por parte dos patrocinadores de sua carreira. Discursivamente, essa modalização do sujeito do fazer Rayssa Leal fica a cargo das referências à indumentária eleita para se apresentar naquela data, elemento essencial da composição da identidade da prática desde que a mesma ainda se configurava como

atividade de tempo livre juvenil (FIGURA 1).

Impossibilitados de destacar os patrocinadores da atleta, devido a questões contratuais, narrador e comentaristas exaltam a importância do “estilo” no universo do skate. Frases como “Olha essa calça”, de Geninho Amaral, ou “Ela tá com um tênis incrível [...] tá fazendo toda a diferença no estilo dela”, de Letícia Bufoni, deixam nas entrelinhas as evidências do “valor comercial” detido pela atleta. Longe de ser apenas uma blusa preta de manga longa, um colar com pingente, uma calça colorida, um tênis preto ou uma touca.

O estilo próprio, típico da prática jovem, também perpassa a escolha subjetiva por parte da atleta, mas sempre trazendo no corpo roupas com logos de empresas como Nike, o energético Monster e o Banco do Brasil, patrocinadores oficiais de sua carreira. Neste caso, a skatista maranhense torna-se suporte para a visibilidade midiática dessas empresas, levando à modalização do sujeito a dever-fazer.

Por fim, a isotopia de “competidora” ainda passa por uma Rayssa que sabe-fazer, daquela que domina a execução e as técnicas específicas da modalidade, trazendo à cena também a figura de um cenário competitivo feminino de alto nível. A capacidade técnica da atleta, que reúne uma série de manobras que ela tem “na base” e que rendem a ela boas notas é, frequentemente, lembrado por parte dos comentaristas Letícia Bufoni e Geninho Amaral. Através da atribuição de voz por parte do narrador, Everaldo Marques, os dois atribuem valor à competidora, como presente em “A Rayssa é impressionante”, “é muita elegância” ou “Foi perfeito. Olha isso, muita velocidade”.

Munidos de um poder-dizer e sustentados por um saber-fazer, os dois envolvidos reforçam a proposta de uma Rayssa Leal competitiva, diferente das demais. Esta última afirmação é evidente nas palavras de Geninho Amaral, o qual atesta que o destaque da atleta se dá “na dificuldade das manobras e o jeito que ela anda. A leveza, o estilo. Isso faz total diferença”.

Durante as performances na pista que esse saber-fazer é adjetivado com mais ênfase. Conquistando a maior nota já na primeira volta, um 6.7, Rayssa é posta como aquela, nas palavras de Letícia, coloca “pressão em todo mundo”, fato que também é destacado por Everaldo, afirmando que “Rayssa destruiu todo mundo na primeira volta” ao se referir à boa volta de Pâmela Rosa – outra brasileira favorita na disputa – ou em “se tem alguém que consegue suportar essa pressão e entregar grandes resultados sob pressão, é ela”, reforçando a capacidade técnica da atleta.

Entre “Monstro” e “Gênia do esporte mundial”, contidos nos discursos dos adjuvantes narrativos envolvidos na cobertura, a jovem skatista é colocada como alguém que sabe-fazer, mas carrega consigo a leveza quando atua como competidora. Assim, as construções discursivas eufóricas sobre as habilidades técnicas de são atestadas a partir de um poder-dizer e saber-fazer que envolvem a figura dos comentaristas. Assertivas como “a Rayssa é impressionante”, “é muita elegância” ou “Foi perfeito. Olha isso, muita velocidade” reforçam a isotopia de “competidora de alto nível” sobre Rayssa Leal.

Paralelamente, a construção isotópica discursiva presente aqui também traz a consolidação de skate feminino competitivo sólido e de alto nível, reforçado pela te-

matização de uma disputa “Brasil x Japão” na contagem de títulos daquela competição. Isso fica evidente no destaque feito pela repórter Júlia Guimarães, que questiona “Vocês falaram aí, né, essa disputa entre japonesas e brasileiras, será que hoje vai ter desempate na disputa particular entre elas?” A seguir, a profissional destaca o potencial de Pâmela Rosa, que buscava o tricampeonato, ou Rayssa, que vivia um “momento mágico” de conquista das três etapas anteriores daquela temporada na competição.

Mas é na última manobra da “Super Final” que se pode inferir a construção de uma disputa parelha entre o skate feminino brasileiro e japonês, muito baseado no saber-fazer técnico das atletas. Naquele momento, Rayssa era a única representante brasileira na competição, disputando o título com Poe Pinson, estadunidense, e outras duas japonesas, Momiji Nishiya e Funa Nakayama, que compuseram com ela o primeiro pódio olímpico da modalidade em Tóquio – fato demarcado ainda no início da transmissão. É assim que a última performance de Rayssa naquele evento foi, nas palavras de Everaldo Marques: “A hora da verdade”.

Naquele momento, a atleta brasileira ocupava o terceiro lugar na disputa, dependendo de um 5.8 para vencer. Movida por um “querer-fazer” e munida das estratégias competitivas que lhes permitia saber as manobras melhores avaliadas para alcançar o topo do ranking, Rayssa entrou na pista dependendo não apenas de uma boa nota, mas torcendo pelo erro ou menor valoração das manobras de suas adversárias, uma espécie de “acidente” no percurso narrativo daquela que foi recorrentemente construída como a favorita da disputa, deixando evidente o alto nível do *skate street* feminino competitivo. Mesmo após o acerto, a vitória de Rayssa ficou a cargo da valoração inferior atribuída à manobra de Funa Nakayama, já que Momiji Nishiya havia errado em sua última tentativa.

## A favorita

A segunda recorrência figurativa nas construções discursivas feitas sobre a skatista maranhense é “A favorita”. A recorrência dessa isotopia temática sobre Rayssa Leal parece ser uma estratégia de fazer-criar-verdadeiro componente do contrato fiduciário estabelecido entre a *Globo* e a audiência. Durante todo o decorrer da competição, a atleta brasileira não tem voz, apenas fala-se sobre ela: suas habilidades, seus trejeitos, suas potencialidades.

Modalizada a querer-fazer e motivada por um saber-fazer, as representações construídas sobre Rayssa são uma possível justificativa para a transmissão da competição de skate pela emissora. Mesmo quando não está na pista, suas potencialidades são lembradas por meio das enunciações dos envolvidos, comparando-as com suas adversárias.

Muito mais do que uma simples vitória brasileira, a transmissão ao vivo é “montada” para testemunhar mais um dos feitos inéditos da carreira da atleta, que o público afetivamente “viu crescer” midiaticamente. É claro que essa intencionalidade está na ordem do não-dito, mas fica evidente nas enunciações realizadas pelos sujeitos envolvidos na transmissão, que, por vezes, deixam o valor “credibilidade” e suposta “isenção”

e passam a figurativizar “os brasileiros” e, sobretudo “os fãs de Rayssa”.

Vale destacar as construções discursivas que sustentam a isotopia “Favorita”. “Ela dominou a competição até agora”, palavras do narrador Everaldo, ou a exaltação do potencial de Rayssa como aquela que “põe pressão”, validada pelo saber-fazer de Geninho Amaral, que sintetiza a “velha guarda” do skate, ou, ainda, em “momento mágico”, feita pela repórter Júlia Guimarães ao se referir ao retrospecto competitivo da atleta naquela temporada são alguns entre os tantos exemplos disponíveis.

Mas talvez o valor mais significativo dessa isotopia esteja ainda no início da transmissão, no qual Everaldo Marques avalia o que representa essa “aposta” quase certa na vitória de Rayssa. “A Rayssa ainda buscando seu primeiro título nesta competição, mas tendo feito o que ela fez nas três primeiras etapas [...] ela tá, sem dúvida nenhuma, como uma das favoritas”. Esse trecho é fundamentalmente importante principalmente pelas escolhas paradigmáticas para a construção do discurso: valores como “o primeiro título nesta competição”, construção discursiva que deixa pistas do porquê valia ser transmitido ao vivo e expressões como “tendo feito o que ela fez”, resumindo sua conquista das três etapas anteriores da competição que lhes garantiram acesso direto à super final, demarcam o valor “Favoritismo” que trazemos para a discussão.

Outro ponto merece destaque na análise dessa isotopia: a tentativa de explicação do favoritismo da skatista maranhense perpassa referências pressupostas de uma outra modalidade, o futebol. A espécie de “decodificação”, ou “tradução” do favoritismo, no entanto, faz-se de uma maneira bastante singular: “Se fosse por pontos corridos, a Rayssa já tinha feito igual ao Palmeiras, já tinha ganho por antecipação. [...] o que vale é essa decisão, é como se fosse um mata-mata”.

Essa comparação com o funcionamento do Campeonato Brasileiro de futebol masculino, presente semanalmente na grade de programação da emissora, funciona porque é sustentado pela situação em que é enunciado: 1) a comparação com um esporte nacional abre possibilidade de compreensão para um potencial espectador leigo, mas se torna apenas compreensível para aqueles que têm o pressuposto do significado de “pontos corridos” e “mata-mata”, expressões coloquiais típicas do futebol; e 2) o enunciado tem êxito, pois, naquele momento, sabia-se que o time em questão já tinha se sagrado campeão, e os últimos jogos, incluindo o do Palmeiras, seria transmitido horas mais tarde pela emissora, servindo de gancho para angariar índices de audiência.

Aqui ainda se evidencia, mais uma vez, o valor do ao vivo. Muito mais do que explicar uma dinâmica no campeonato transmitido, a expressão utilizada por Everaldo Marques, “O que vale é hoje”, serve como reforço do argumento de que era importante ver a possível vitória brasileira ao vivo, e a TV Globo, no caso, teria a prova documental do feito. O fato é que, como já vimos, o “valor do ao vivo” demarca uma temporalidade em que o “hoje” enunciado é válido somente para aquela situação específica, o 6 de novembro de 2022. Quem o assistiria depois, certamente, teria que ter referências pressupostas sobre de que “hoje” se estava falando.

## A humanizada

A última das isotopias temáticas parece ir ao encontro das outras duas anteriormente apresentadas. Para além de uma “pessoa jurídica” Rayssa Leal, dona do favoritismo do *Super Crown SLS* e de um enorme potencial como competidora, a atleta maranhense também é “pessoa comum”, passível de ter acidentes em seus planos narrativos. Esta contempla as construções discursivas referentes a uma Rayssa mais humanizada, passível de erros e quebras de expectativas, mesmo diante dos feitos já conquistados.

Antes de tratarmos do acidente no plano narrativo de Rayssa, que levou à disposição da terceira isotopia temática, vale aqui um outro destaque, mais sutil. Apesar de gradativamente a figura de uma Rayssa infantilizada ser diluída, respeitando o avanço etário da atleta, por vezes, o passado como “fadinha do skate” ainda atravessa os discursos enunciados sobre ela. E essa construção fica evidente ainda nos comentários da primeira volta de Rayssa na competição, com a conquista da maior nota daquela super final até aquele momento.

São visíveis as expressões valorativas que exaltavam o saber-fazer da atleta, qualificando a performance como “volta perfeita”, exposto por Everaldo Marques, ou “É impressionante a Rayssa, Letícia, eu não tenho nem palavras”, validado por Geninho Amaral e seu *poder-dizer* porque sabe-fazer. Mas, é na enunciação de Letícia Bufoni que a “Rayssa Humanizada” é lembrada, principalmente por meio da tematização de um “skate feliz” para além da obrigação a ela atribuída do poder-fazer, do seu papel de competidora.

Nesse momento, é plausível observar a sobreposição de uma Letícia “fã” e “torcedora brasileira” à “comentarista”: “ela merece um ponto a mais só por estar com esse sorriso no rosto e mostrar que o skate é isso, é diversão. E por mais que ela seja uma criança, ela tá sempre se divertindo!”. Aqui, entra uma oposição no nível fundamental criança x adulto, mesmo diante do evidente avanço etário e das mudanças corporais e fisionômicas de Rayssa.

Essa construção parte de um importante pressuposto: foi possível vê-la crescer na frente das câmeras, fazendo com que se valide essa figura de “eterna criança” constantemente recorrente nos discursos. Esse pressuposto fica mais evidente na frase que se segue, enunciada por Everaldo Marques, “Voando para o topo”. Essa associação somente é viável àqueles que detêm do pressuposto ali colocado, o apelido carinhoso “Fadinha do skate” atribuído à atleta desde sua primeira aparição, vestida de fada saltando uma escadaria em Imperatriz (MA).

O último argumento de uma “Rayssa humanizada” se ancora no acidente no percurso narrativo da atleta, já na segunda volta da competição. Logo no final de sua performance, a atleta tem um desconforto respiratório que a impede de executar a última manobra e, conseqüentemente, tentar melhorar o 6,7 recebido anteriormente. É naquele momento que os envolvidos na transmissão se deslocam do papel de “informantes”

para “torcedores de Rayssa”, bastante claro nas enunciações de Letícia Bufoni em “Não chora senão a gente chora junto”, ou por Everaldo Marques, que tenta descrever as cenas apresentadas na tela, em um importante processo de enunciação que também parece contemplar o sentimento do espectador, *in loco* ou audiência televisiva: “Todo mundo tá aqui atônito, parece que é a região do abdômen ali. Tem lágrimas nos olhos da Rayssa”, ou em “Todos nós tomamos um susto na reta final da competição”. Além disso, o foco na expressão corporal da atleta e a referência às lágrimas são índices de fragilidade e humanização, comum a todos nós, aproximando a “favorita” da “humana”.

A descrição de uma Rayssa fragilizada, que também chora e passa por adversidades, desconstrói as duas outras isotopias apresentadas neste artigo. As cenas em que aparece amparada por seus amigos, suas adversárias e sua equipe técnica parece fazer-nos constatar que – para além de favorita, multicampeã e habilidosa – a atleta também é humana, passa por problemas. E essa humanização também perpassa pelos recursos técnicos apresentados pela *TV Globo* para abordagem do fato: o comercial, o replay e a figura de Júlia Guimarães, responsável pela apuração de uma informação técnica-médica do ocorrido.

Aproveitando-se do intervalo já previsto no evento extra televisionado (Fechine, 2008), devido à mudança para a etapa de manobras, recorre-se ao comercial como estratégia para que Júlia Guimarães, repórter que cobre o evento à beira da pista, pudesse apurar mais detalhes do ocorrido. O retorno da transmissão é permeado pelas enunciações de Everaldo e os comentaristas que falam sobre o acontecimento sustentados por dois recursos: o replay do momento do acontecido e a imagem dos familiares e da torcida (FIGURA 2).



Fonte: GloboPlay

O primeiro deles reforça um padrão de debreagem enunciativa, referindo-se a um momento “lá/então”, cujas imagens servem de ancoragem para que os envolvidos na transmissão pudessem valorar os movimentos e lançar hipóteses sobre o incidente ocorrido. O retorno de Rayssa à competição é acompanhado ao vivo pelo público, mas esse reforço da maranhense como figura humanizada passa pelo “laudo médico” tornado público por Júlia Guimarães. No que parece ser uma espécie de “não se preocupe, telespectador, está tudo bem com Rayssa”, a repórter assume o “poder-dizer” médico,

validado pelo *ethos* científico detido, dando-lhes voz na transmissão. Apresenta-se, então, “Eles falaram que ela teve uma tensão respiratória, que acabou fazendo uma pressão no diafragma dela antes de ela fazer a última manobra [...], mas que ela já tá bem”.

As imagens de apoio da atleta sendo levada à área de concentração com auxílio de amigos, familiares e comissão técnica são recursos visualmente utilizados durante a “voz em off” que explica as intercorrências na performance da segunda volta da atleta. Ali, muito mais do que uma Rayssa profissional, demonstra-se uma “figura falível”, acolhida pelos seus, representado por seu irmão mais novo e por toda uma torcida, presente no ginásio, envolvida na cobertura ou, ainda, do outro lado da tela da TV (FIGURA 2).

Todos esses pequenos detalhes demarcam que, mesmo em um evento televisivo extra-televisivo, trata-se de um tempo e espaço “vivos”, “um tempo e um espaço não apenas construídos em uma dimensão cognitiva, mas também vividos numa dimensão pragmática que ganha, agora, valor discursivo (Fechine, 2008, p. 87).

## Considerações finais

Diante de todas as reflexões aqui apresentadas, é incontestável a afirmação que, hoje, o skate feminino competitivo é algo que, midiaticamente, “vale a pena ser visto”. Subvertendo estigmas e marginalizações e provando que, cada vez mais, a “pista também é delas”. Marcado por um cenário competitivo consolidado e próspero, bem como a figura de jovens skatistas profissionais de alto rendimento, com carreiras patrocinadas por empresas para além do ramo esportivo skatista, o skate feminino ganha novos patamares de visibilidade.

O fato é que muitos são os porquês que justificam a transmissão feita pela TV Globo da final feminina da *Skate Street Skateboarding (SLS) 2022* ocorrida em 6 de novembro de 2022. Como já vimos, todas as circunstâncias ali postas eram favoráveis e eufóricas para a transmissão. O favoritismo de Rayssa Leal, que conquistara todas as etapas anteriormente disputadas naquela temporada, o possível ineditismo daquela conquista por parte da atleta, e a possibilidade do tricampeonato de Pâmela Rosa eram justificativas plausíveis para que aquele evento extra televisivo fosse acompanhado ao vivo na tela da *Globo*, quebrando a regularidade de transmissões de skate feitas pela emissora, anualmente no quadro *Verão Espetacular* do programa jornalístico-esportivo dominical *Esporte Espetacular*.

Mas por que se valia a pena quebrar aquela regularidade? E por que essa decisão orbitava sob a figura de Rayssa Leal? O fato é que todos esses “achados” sobre o *modus operandi* da *TV Globo* apenas é possível pois estabelece-se um contrato fiduciário entre a emissora e a potencial audiência, sustentado pelo valor de credibilidade acionados pelo “ver ao vivo” (Fechine, 2008).

No decorrer da análise, pudemos constatar que a transmissão parecia ser “montada” para a vitória de Rayssa Leal, dada como quase certa devido ao retrospecto competitivo da atleta naquela temporada. A mobilização de uma equipe para a transmissão *in loco* na cidade do Rio de Janeiro, bem como a escolha dos participantes desse even-

to televisionado revelam o *modus operandi* da emissora no processo de construção midiática da figura de Rayssa Leal e, sobretudo, da metonímia posta sobre ela de “representante” de um skate feminino próspero e midiático.

Conforme notamos, ultrapassando as modalizações de dever-fazer e do contrato fiduciário que presume um *fazer verdadeiro* por parte dos profissionais, os papéis discursivos de Everaldo Marques, Letícia Bufoni, Geninho Amaral e Júlia Guimarães perpassavam pelas figuras de “fãs” e “torcedores” de Rayssa Leal. Para além das enunciações feitas durante a execução das performances da atleta, as construções discursivas eufóricas foram recorrentes durante as apresentações de suas adversárias, demarcando-a como capaz de superá-las devido à sua alta habilidade técnica, mesmo diante dos possíveis acidentes nos percursos narrativos de ação do sujeito do fazer Rayssa Leal.

É assim que nos são apresentadas três isotopias centrais inseridas sobre a figura da skatista imperatrizense no material analisado. A “competidora”, em cujas enunciações são ressaltadas as habilidades técnicas apuradas e o alto nível do skate feminino competitivo em sua perspectiva mais geral; a “favorita”, que parece justificar os porquês da transmissão televisiva daquele evento e, sobretudo, dos personagens adjuvantes dessa narrativa ali apresentada; e, por fim, a “humanizada”, que diz respeito às modalizações do sujeito do fazer Rayssa Leal, em um processo de ressignificação de uma “Rayssa ídolo” recorrentemente reforçada nas enunciações feitas no decorrer da transmissão.

É fato que as enunciações eufóricas realizadas durante a transmissão ao vivo do Super Crown SLS 2022 servem de reforço para a consolidação da imagem de Rayssa Leal como uma atleta de alto rendimento e com excelentes retrospectos competitivos, em um processo construção de uma potencial ídolo esportivo de um esporte nativo marginalizado. Não obstante, coloca-se em jogo o momento vivido pelo skate feminino por meio do favoritismo da atleta, que detém de competidoras ao alto nível competitivo técnico que “valem a pena” serem vistas.

## Referências

ANDERSON, Kristin L. Snowboarding: The construction of gender in an emerging sport. **Journal of sport and social issues**, v. 23, n. 1, p. 55-79, 1999. <https://doi.org/10.1177/0193723599231005>

BÄCKSTRÖM, Å.; NAIRN, K. Skateboarding beyond the limits of gender? Strategic interventions in Sweden. **Leisure Studies**, v. 37, n. 4, p. 424-439, 2018. <https://doi.org/10.1080/02614367.2018.1462397>

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1999. ISBN: 85 08 03732 5

BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte**: Uma história do skate no Brasil. Blume-

nal (SC): Edfurb, 2014. ISBN: 9788571142169

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Tradução de José Garcez Palha. Lisboa: Edições Cotovia, 1990. ISBN: 9788532657060

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. (Volume 5). ISBN: 9788564126510

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença**: uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. ISBN: 9788560166084

FIGUEIRA, Marcia; GOELNNER, Silvana. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 3, p. 95-110, 2009. ISSN (Eletrônico) 2179-3255

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De "carrinho" pela cidade**: a prática do street skate em São Paulo. 2011. 268f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MATTA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, Felafacs, n. 56, p. 80-90, out. 1999. ISSN : 1813-9248

MEZZAROBA, Cristiano; PIRES, Giovanni De Lorenzi. O agendamento midiático-esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-americanos Rio/2007. **Logos**, v. 17, n. 2, p. 124-136, 2010. <https://doi.org/2017-09-10> .

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003. ISBN-13. 978-8578276171

Recebido em: 01 dez. 2023  
Aprovado em: 18 mar. 2024